

Pode a pesquisadora desejar?: etnografia nos cinemas pornôs de Fortaleza (Ceará/Brasil).

Juliana Frota da Justa Coelho.

Cita:

Juliana Frota da Justa Coelho (2017). *Pode a pesquisadora desejar?: etnografia nos cinemas pornôs de Fortaleza (Ceará/Brasil)*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/465>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**PODE A PESQUISADORA DESEJAR?: ETNOGRAFIA NOS CINEMAS PORNÔS DE
FORTALEZA (CEARÁ/BRASIL).**

Juliana Frota da Justa Coelho

julianafjusta@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Esta comunicação objetiva problematizar práticas sexuais consideradas dissidentes a partir das sociabilidades nos espaços de cinemas pornô, conhecidos como “cinemões”, do centro da cidade de Fortaleza, com ênfase no Cine Majestick. Para pensar essas práticas, parto de uma perspectiva geopolítica e situada de pesquisa que problematiza as hierarquias de sexualidade, gênero, desejo e corpo como saberes localizados e parciais, ou seja, imbricados em redes de poder sexopolíticas, privilégios e subalternidades que constantemente são ressignificados e atualizados. Por sexopolítica, entendo as técnicas de normalização e patologização das sexualidades por meio do controle dos prazeres, da (in) visibilidade de práticas sexuais e de desejos, com o intuito de assegurar uma ordem sexual e social que privilegia a heterossexualidade como lei a ser seguida. No entanto, vê-se com Paul Preciado que não existe sexopolítica sem resistências, pois os sujeitos podem se apropriar das normas e técnicas de “normalização” de seus corpos e desejos, agenciando outras possibilidades políticas de subversão de padrões hegemônicos. A sexopolítica, portanto, também diz respeito à circulação dos corpos nos espaços, seus silenciamentos e visibilidades. Ela também se encontra nas arquiteturas de praças, prédios, cinemas e “cinemões”, enfim, penso que se encontra em um ideal de Centro (de Fortaleza, no caso dessa comunicação e da pesquisa de doutorado) que administra a distribuição dos corpos pela cidade. Estar em um campo onde a possibilidade de práticas sexuais é a maior atração, com baixa frequência de mulheres, implica em questionamentos éticos e metodológicos: Pode a pesquisadora desejar em campo? Como o desejo circula no espaço dos “cinemões”? Pode o desejo “pornográfico” fissurar normatividades que dizem respeito aos binarismos identitários heterossexual/homossexual, homem/mulher, espectador/estrela pornô, corpo “que importa”/corpo abjeto? Proponho que, a partir das práticas sexuais consideradas dissidentes que se dão nesse cinemão e em outros cinemões, os referidos binarismos podem ser borrados. O borrar dessas categorias dar-se-ia pelo exercício de desejos considerados pornográficos, obscenos (quem em latim significa fora de cena), estimulados por esses espaços, ou seja, a plateia dos “cinemões” também pode ser palco a partir de agenciamentos corpo-desejo-discurso que visibilizam práticas de gênero, sexualidade, desejo e corporalidade, ao mesmo tempo em que velam tais práticas ou as subvertem. Os sujeitos, portanto, são estimulados a se tornarem cada vez mais visíveis dentro dos “cinemões”, visíveis ainda que na penumbra, pois a visibilidade está aí na ordem do desejo considerado dissidente.

Palavras-chave: Sexualidade. Desejo. Pornografia.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This paper aims to problematize sexual practices considered dissidents from the sociabilities in the spaces of pornographic cinemas, known as "cinemões", in the downtown of Fortaleza city, with emphasis at the Cine Majestick. To think about these practices, I start from a geopolitical and situated perspective of research that problematizes the hierarchies of sexuality, gender, desire and body as localized and partial knowledge, that is, imbricated in sexopolitical networks of power, privileges and subalternities that are constantly re-signified and updated. By sexopolitics, I understand the techniques of normalization and pathologization of sexualities through the control of pleasures, (in) visibility of sexual practices and desires, with the purpose of ensuring a sexual and social order that privileges heterosexuality as a law to be followed. However, it is seen with Paul Preciado that there is no sexopolitics without resistances, since the subjects can appropriate the norms and techniques of "normalization" of their bodies and desires, acting other political possibilities of subversion of hegemonic patterns. Sexopolitics, therefore, also concerns the movement of bodies in spaces, their silencing and visibility. It is also found in the architectures of squares, buildings, cinemas and "cinemões", in other words, I think it is in an ideal of downtown (Fortaleza, in the case of this paper and doctoral research) that manages the distribution of bodies through the city. Being in a field where the possibility of sexual practices is the biggest attraction, with low frequency of women, implies ethical and methodological questions: Can the researcher desire in the field? How does desire circulate in the space of "cinemões"? Can "pornographic" desire crave norms that relate to identity binarisms such as heterosexual / homosexual, male / female, spectator / porn star, body "that matters" / abject body? I propose that, from the sexual practices considered dissidents that occur in this cinemão and in other cinemões, the mentioned binarisms can be blurred. The blurring of these categories would be developed by the exercise of desires considered pornographic, obscene (that in Latin means out of the scene), stimulated by these spaces, that is, the audience of the "cinemões" can also be stage from body-desire-discourse assemblages that envisage practices of gender, sexuality, desire and corporality, at the same time that they guard such practices or subvert them. Subjects, therefore, are encouraged to become increasingly visible at the "cinemões", visible even in the dark, since the visibility is there in the order of the desire considered dissident.

Keywords: Sexuality. Desire. Pornography.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Problematizar as práticas sexuais consideradas dissidentes nos cinemas pornôs fortalezenses do final do século XX e no atual século XXI, com ênfase no Cine Majestick, torna-se possível a partir da problematização da sexopolítica do centro da cidade de Fortaleza e dos projetos para seu embelezamento e revitalização, aliados a um plano urbanístico que inclui espaços destinados ao lazer e, importante frisar, destinado a determinados corpos desejáveis em um imaginário de Centro limpo e seguro.

Por sexopolítica, entendo as técnicas de normalização e patologização das sexualidades por meio do controle dos desejos e prazeres, da (in) visibilidade de práticas sexuais e de desejos, com o intuito de assegurar uma ordem sexual e social que privilegia a heterossexualidade como lei a ser seguida. No entanto, vê-se com Preciado (2011) que não existe sexopolítica sem resistências, pois os sujeitos podem se apropriar das normas e técnicas de tentativas de “normalização” de seus corpos e desejos, agenciando outras possibilidades políticas de subversão de padrões hegemônicos. A sexopolítica, portanto, também diz respeito à circulação dos corpos nos espaços, seus silenciamentos e visibilidades. Ela também se encontra nas arquiteturas de praças, cinemas, cinemões, prédios, enfim, em um ideal de Centro que administra a distribuição dos corpos pela cidade.

É importante ressaltar que, quando falo de cinemas pornôs, ou “cinemões”, falo de espaços de exibição de filmes (películas) considerados pornográficos e outras sociabilidades, que estão espalhados pelo Centro da “Fortaleza que se diverte com sexo” (Rocha, 2011), seja com uma arquitetura mais “tradicional” (com tela e fileiras de poltronas, caso do Cine Majestick), ou com arquiteturas diferentes, em casas adaptadas para esse tipo de entretenimento e sociabilidade, visivelmente menores, com televisores ao invés de telas, cadeiras de plástico, cabines improvisadas, paredes de compensado e pouca climatização. No entanto, por volta de 2011, começaram a surgir cinemões com propostas diferentes, ambientes parcial ou completamente climatizados, mais “limpos” (um deles até possui álcool gel para aquelas pessoas que sentem necessidade desse produto), com arquiteturas que não convidam à pegação/práticas sexuais logo ao entrar, mas possuem uma espécie de *lounge* (assim apelidei esses espaços da entrada, mais iluminados e que também podem ser espaços de pegação, mas que abrem o leque de sociabilidades, já que há, nesses



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

novos cinemões, outros espaços mais claramente destinados a isso) com poltronas, sofá, mesinhas e TVs que exibem DVDs musicais diversos.

O Cine Majestick, principal lócus de minha pesquisa de doutorado em andamento, há 21 anos em funcionamento, possui peculiaridades em relação à sua arquitetura e público. Mesmo tendo mudado de sede em 2015, continua com uma pequena sala de cinema, com poltronas e uma tela improvisada. Corredor de cabines, banheiros, bar, fumódromo e festas esporádicas em horários diferentes do convencional (10h-21h) também fazem parte de suas atrações. Em novembro, shows de sexo explícito, que haviam sido proibidos em 2012, voltaram a acontecer, nos quais há show de stripper (mulher) e interação com a platéia, que pode subir ao palco e fazer sexo com ela, sempre com camisinha. É o único cinema no qual as travestis são aceitas, principalmente como trabalhadoras do sexo, negociando território com michês na busca por clientes. Entre os cinemas, é onde vi mais mulheres (apesar da baixíssima frequência), quase sempre acompanhadas de um homem. O público é majoritariamente de homens, com faixa etária variada, mas com predominância de clientes entre 35 – 60 anos, negros ou pardos e de classe social média e baixa. Opto por não classificá-los em homossexuais, bissexuais, heterossexuais etc., já que essas categorias identitárias, muitas vezes não fazem sentido nesse espaço, denunciando que as estratégias existentes para naturalizá-las não abarcam as circulações dos desejos e a própria estratégia política das identidades.

Logo, ao falar dos cinemões, refiro-me aos espaços nos quais há exibição de filmes, mas estes não são os protagonistas (apesar de serem agentes dessas sociabilidades), e sim sua frequência, diferentes atrações e a dinâmica de suas sociabilidades e práticas sexuais consideradas dissidentes.

O campo com intuito dessa pesquisa surgiu com um misto de medo, muita curiosidade, certo receio das travestis em relação a uma mulher em um espaço conhecido por ter clientes majoritariamente homens e potenciais clientes, uma mistura de “falta de jeito” e desejo com os olhares e as investidas de clientes e garotos de programa. À medida que os meses em campo decorriam e estar nos cinemas pornôis, principalmente no Cine Majestick, não me causava tanta ansiedade, pude não só frequentar seus ambientes com mais tranquilidade, mas também perceber



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

importantes peculiaridades daquele espaço pornográfico (pornografia como espetacularização da sexualidade).

Um dos momentos mais ricos para compreender a economia dos desejos considerados obscenos naquele estabelecimento foi quando passei da constatação de que a frequência de mulheres era baixíssima (mas existia) para o questionamento de como as poucas mulheres que o frequentavam fruía esse espaço, como se percebiam e como eram percebidas por funcionários, clientes e profissionais do sexo travestis e michês. Resumindo: como se dava a agência das mulheres (incluindo a da pesquisadora) em um espaço majoritariamente destinado a clientes homens? Quando falo em mulheres, não me refiro apenas às *strippers*, mas, também àquelas que o frequentam como clientes. Mulheres jovens e mais velhas, quando entravam no Majestick, sempre acompanhada de homens, “roubavam” minha atenção e curiosidade etnográfica e remetiam à minha situação de mulher pesquisadora naquele “cinemão”. Quando me vi, por diversas vezes, controlando meus desejos em campo, passei a indagar: esse controle é por conta da pesquisa ou por conta de uma moralidade historicamente imposta à mulher, que não deve ser obscena para ser respeitada? Por que fiquei surpresa ao ver clientes mulheres que desejavam viver experiências sexuais em cinemas pornôis?

Logo, algo insistia em me chamar a atenção ao ler trabalhos que envolvem “cinemões” em Fortaleza (Vale, 2000; Costa, 2011; Santos, 2012, Santos, 2013; Abreu, 2014) como tema principal ou como um de seus temas: xs pesquisadorxs descreviam seus campos sem implicar-se neles. Por implicar-se, entendo problematizar suas posicionalidades também a partir dos seus próprios desejos, que praticamente desaparecem do texto, dando a impressão de umx pesquisadorx espectadorx não afetadx e afetável. Em outras palavras, discutem sobre sexualidade, mas praticamente em nenhum momento contemplam suas próprias sexualidades como parte do que produzem (assumir-se gay, lésbica, trans, heterossexual etc. não necessariamente implica assumir que são sujeitos desejantes em campo). Com isto, não quero dizer que todas essas pessoas precisariam transar em campo, mas que esse “sumiço” da possibilidade de determinados tipos de práticas sexuais ao realizar uma pesquisa acadêmica diz de um dispositivo de produção de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conhecimento sobre sexualidades que exclui não só a sexualidade dx pesquisadorx, mas a possibilidade de envolver-se sexualmente em campo como algo que pode produzir conhecimento.

Acho importante posicionar-me no sentido de que, mesmo com o receio inicial de alguma interação mais “libidinosa” com garotos de programa e clientes, nunca me passou pela cabeça a possibilidade de não desejar, por mais que o desejo envolvesse o medo. Minha pesquisa é inconcebível sem desejo. E isso envolve o desejo e a agência da pesquisadora. Kullick e Willson (1995), ao discutir sobre os tabus que envolvem o desejo de antropólogxs em campo, questionam o porquê de uma pseudonecessidade de um ‘cinto de castidade’ para legitimar a produção de conhecimento que envolve sexualidade, seja como tema principal de uma pesquisa ou como situações de campo. Ambxs deixam claro que não há a intenção de estabelecer uma obrigatoriedade de envolver-se sexualmente com “nativos”, mas que isso pode ser produtivo epistemologicamente, gerar *insights* e contribuir para repensar a ética das relações de poder e de desejo em campo.

Os referidos autores argumentam que “[...] o silêncio disciplinar sobre desejo em campo é uma forma de antropólogxs evitarem confrontos de posicionalidade, hierarquia, exploração e racismo”. Ao invés de dissolver as diferenças, “práticas eróticas” no trabalho de campo podem ressaltá-las. De fato, senti esse “realce das diferenças” quando eu, pesquisadora, me encontrava em situações de sedução que eventualmente resultavam em alguma prática sexual com “nativos”, como, por exemplo, transar ou masturbar alguém.

Numa quarta-feira, 14 de outubro de 2015, fui a campo no Cine Majestick, por volta da hora do almoço, “de casal” com meu amigo E. Antes disso, almoçamos no Disney Lanches, um bar-restaurant localizado na av. Duque de Caxias e bastante frequentado por famílias, clientes, michês, prostitutas, travestis e que costuma ser um ponto de encontro pré e pós idas aos cinemas pornôs, junto ao outro bar que se situa na esquina, o Mega Lanche, conhecido por “Zequinha” (dono do estabelecimento). Fazia tempo que não ia nesse horário. O horário do almoço se configura como uma importante temporalidade para os “cinemões”, pois é quando trabalhadores do Centro e adjacências podem aproveitar o horário dessa refeição para dar uma “passadinha” nos cinemas, aumentando sua frequência.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Minhas idas a esses estabelecimentos possuem essa peculiaridade: dependem da disponibilidade de amigos para entrarem comigo “de casal”. Por conta dessa estratégia metodológica criada a partir do próprio campo, as idas em determinados horários, geralmente mais cedo (o Cine Majestick abre às 10h), são mais difíceis de serem realizadas, pois os amigos e/ou colegas geralmente estão trabalhando ou estudando. No entanto, não encaro essa situação como algo prejudicial à pesquisa, mas sim como uma relevante peculiaridade que interpela a sexopolítica da cidade. Em outras palavras, me faz pensar que entrar sempre acompanhada não diz respeito somente ao fato de eu ser uma “mulher biológica” em um espaço no qual poucas mulheres frequentam, mas sim de uma heteronorma situada que visa esquadrihar o desejo das mulheres a um mapa circunscrito a uma sexualidade mais “discreta” e distante do que é considerado pornográfico, além de provocar questionamentos acerca da relação mulheres e espaços públicos de “pegação”.

Nesse dia, o Majestick encontrava-se relativamente cheio. Logo ao entrar, um senhor de cerca de 60 anos, com uma aliança bem reluzente na mão esquerda, sentou-se à nossa mesa e se ofereceu a pagar bebidas para mim e meu amigo. Disse ser dono de uma churrascaria em um bairro da periferia e chegou a escrever o endereço do local, em um papel improvisado, com a promessa de que eu poderia comer lá de graça. Escrevia isso enquanto tentava passar a mão na minha cintura. Com a minha negativa às suas investidas, conversamos mais um pouco e me desloquei ao fumódromo. Nesse espaço pequeno, quente, claro pela manhã e tarde (em contraste com o interior) e regado à fumaça, cerveja e outros tipos de bebida (cachaça, vinho barato e campari), é praticamente impossível não tocar e ser tocado, ainda mais quando se encontra relativamente cheio, o que acontece com facilidade.

Como meu amigo não fuma, fui sozinha e, entre travestis, clientes e michês, um jovem rapaz puxou conversa e perguntou se poderia beber um pouco da minha cerveja. Ele se apresentou, perguntou o que “*uma moça tão bonita*” fazia naquele lugar. Com a volta de meu amigo ao fumódromo, começamos a conversar como um trio.

R., que em certo momento disse, mas não com essas palavras, que “fazia michê” às vezes, estava no mormaço do fumódromo, comecinho da tarde, quando lá entrei. Aparentando uns vinte e poucos anos, aliança na mão, me pediu um cigarro. Disse que estava triste, pois a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

prefeitura tinha feito um rapa¹ no Centro e levado os panos de prato que costuma vender. Sua angústia era o que poderia levar para casa... Sua pele era negra, olhos castanhos. Trajava uma blusa vermelha e bermuda de tãctel. Os pêlos de sua perna estavam descoloridos, contrastando com sua pele bronzeada, uma estética meio surfista. Meu amigo começou a paquerar com ele, mas R. tinha olhos para mim, esfregando sua perna na minha no estreito corredor do fumódromo (estávamos de frente um para o outro, sentado em cadeiras de plástico brancas), com um olhar fixo e extremamente sedutor, dizendo que minha pele era muito branca e macia. Sentindo que estava “sobrando”, meu amigo sugeriu que fôssemos até as últimas poltronas da sala de cinema. Nelas, entre beijos de nós três e sendo assistidos por alguns homens que acompanhavam silenciosamente esse flerte desde o fumódromo, R. colocou seu pau para fora para que fizéssemos uma ‘bricadeirinha’. E fizemos.

A ambiência sexualizada do Cine Majestick (apesar de tudo o que lá acontece não se resumir à sexualidade), com pessoas se masturbando nas poltronas, exibição de filmes pornográficos, michês e travestis que muitas vezes estão seminus/as, paus à mostra, convites para entrar nas cabines e fazer uma ‘bricadeirinha’, faz o desejo circular naquele espaço de forma a quebrar certas normatividades. Quando falo em normatividades, refiro-me não apenas àquela geralmente esperada de uma mulher em um espaço sexualizado, a qual gera uma ansiedade quanto ao estar em campo - por exemplo: receio de, no limite, sofrer alguma violência; certo pudor introjetado socialmente de como uma mulher deve se portar frente a tantas investidas sexuais; medo de que essas atitudes possam prejudicar o campo – mas também uma normatividade da própria produção de conhecimento que envolve o estudo das sexualidades - a ideia comumente propagada nas Ciências Sociais, mesmo que de forma tácita, de que não é de “bom tom” que a pesquisadora transe em campo, o fato de que trabalhos acadêmicos envolvendo sexualidades muitas vezes descartam a sexualidade daquelx que pesquisa e, principalmente, a noção de que a sexualidade é sempre a dx “outrx”, o que subjaz a ideia de que é preciso ser assexuadx, assépticx, “purx” e distante, que é preciso fugir dos perigos da “contaminação” de um possível envolvimento sexual.

Considero que é possível afirmar que há uma colonização do corpo, desejo e subjetividade dxs pesquisadorxs que trabalham com sexualidades, principalmente das pesquisadoras, por meio de teorias e metodologias que ainda primam pela separação sujeito-objeto, que, como

¹ “Rapa”, nesse caso, quer dizer apreensão de produtos vendidos informalmente, mas também pode ser utilizado quando há assaltos, arrastões. (Ex: Hoje fizeram um “rapa” em quase todos que estavam na praia).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

consequência mais direta, caminha para uma omissão da posicionalidade do sujeito pesquisadorx e para um descarte da parcialidade desse conhecimento como saber localizado.

Desde o projeto submetido e aprovado, ressalto a importância de pesquisas sobre cinemões serem realizadas por mulheres, algo quase inexistente na literatura sociológica brasileira. A materialidade política do meu corpo de mulher nordestina, considerada branca para os padrões cearenses, de classe média, afeta e é afetada por linhas de privilégios e subalternidades (SPIVAK, 2010; PUAR, 2013). Um trecho do diário de campo do dia 28 de julho de 2015 me parece elucidativo:

*O cara que dança louca e livremente foi apresentado a mim por F. W. estava um pouco bêbado, mas conversou de forma compreensível. Elogiou minha beleza, disse que eu tinha uma aura boa, que tinha a proteção de Bezerra de Menezes². Mais uma vez, alguém me achando “diferenciada” dos demais frequentadores e das poucas frequentadoras. Penso que tem a ver com minha cor (tida como branca) e meu estilo. Como falou R. [travesti entrevistada por mim], **eu não pareço uma puta véa**. Havia outras 2 mulheres no recinto. Uma delas, mais velha, me era familiar [...] A outra mulher, mais nova, estava “de casal” com um homem negro, alto e forte. Foi a terceira vez que vi o casal no Majestick (negritos meus).*

O trecho acima também mostra três importantes elementos observados e vivenciados em campo: (1) as mulheres, apesar do número significativamente menor, também frequentam os “cinemões” do centro de Fortaleza, geralmente acompanhadas por homens; (2) a depender das linhas de diferenciação que interseccionam a materialização das mulheres nos cinemões, as formas de abordagem/flerte são diferentes; (3) a partir dessa constatação, entrar de casal tornou-se minha estratégia metodológica para frequentar o Cine Majestick e demais cinemas pornôs do Centro.

Logo, apesar da menor frequência, as mulheres também usufruem desses espaços, mas sempre acompanhadas. Isto praticamente não aparece nas pesquisas realizadas sobre “cinemões” em Fortaleza ou que, de alguma forma, os incluem dentro de um tema mais vasto, contribuindo para o imaginário de que esta prática inexistente e de que mulheres são estritamente proibidas de entrá-los ou mesmo de desejá-los.

A filósofa Nancy Prada (2012), ao discutir a pornografia sob a ótica feminista, dialoga com a psicóloga americana Gail Petherson, a qual afirma que a clássica dicotomia entre “mãe” e

² O cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), médico, militar, professor, jornalista e filantropo, foi um dos expoentes da doutrina espírita no Brasil.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“puta” funciona como instrumento de controle sobre as mulheres que desejam usufruir o que é considerado pornográfico. Porém, tanto Prada quanto Petherson ressaltam que uma visão vitimizadora dessas mulheres não é profícua, pois descarta um importante aspecto político das correntes porno-feministas: a agência das mulheres.

Perguntas, tais quais: “você é assediada?”, “os caras passam a mão em você?” são comuns, advindas de amigxs, familiares e mesmo de pessoas que frequentam esses estabelecimentos. Aqui, recordo o que Maria Dulce Gaspar, em seu clássico livro “Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social” (1985, p. 40, **negritos meus**), ponderou sobre os diversos questionamentos disparados acerca da suposta violência “inerente” ao seu tema de pesquisa:

Por outro lado, esse foi um aspecto que permeou toda a pesquisa, não só como tema de conversa com as informantes como enquanto condição de trabalho de campo. Durante **todo o tempo**, procurei convencer a mim mesma, a amigos e parentes que não era perigoso frequentar ‘essa’ Copacabana e tampouco me relacionar com as garotas que fazem programa (**negritos meus**).

Diversas pesquisadoras também relataram percalços e desafios em suas pesquisas, por exemplo, no livro “Entre saias justas e jogos de cintura” (2007). Essa obra mostra um importante e breve panorama de como contornaram situações por muitos consideradas perigosas e não legítimas. O livro de Diaz-Benítez (2010) sobre as redes do pornô nos bastidores da produção cinematográfica brasileira e a tese de Santos (2013) sobre o circuito do prazer da prostituição masculina no centro de Fortaleza (CE) também são exemplos da potencialidade das pesquisadoras em campos sexualizados.

Desde o projeto submetido e aprovado, ressalto a importância de pesquisas sobre cinemões serem realizadas por mulheres, algo quase inexistente na literatura sociológica brasileira. A materialidade política do meu corpo de mulher brasileira, nordestina, considerada branca para os padrões cearenses, de classe média, afeta e é afetada por linhas de privilégios e subalternidades.

Portanto, acredito que a etnografia que realizo nos cinemas pornôs do centro de Fortaleza, principalmente no Cine Majestick, parte de uma perspectiva descolonizadora do corpo, do desejo e da agência da pesquisadora, cuja sexualidade é vetor de conhecimento sujeito a percalços e sucessos, pois atravessada por diversas relações de poder e de diferença.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Bibliografía

- Abreu, Vinício Brígido Santiago. (2014). *Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa da cidade de Fortaleza*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.
- Bonetti, Alinne, & Fleischer, Soraya. (Orgs). (2007). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Díaz-Benítez, Maria Elvira. (2010). *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gaspar, Maria Dulce Gaspar. (1985). *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kulick, Don, & Wilson, Margaret. (1995). *Taboo: sex, identity, ainda erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge.
- Preciado, Paul Beatriz. (2011, janeiro/abril). Multidões *Queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, 19(1), 11-20.
- Puar, Jasbir. (2013, julho/dezembro). “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política poliafetiva. *Meritum*, Belo Horizonte, 8(2), 343-370.
- Rocha, Pedro. (16 de julho de 2011). Panteras & Marias. *Jornal O Povo. Caderno Vida & Arte*, Fortaleza, 16 jul. 2011. Recuperado de: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2011/07/16/noticiavidartejornal,2267864/panteras-marias.shtml>.
- Santos, Élcio Nogueira dos (2012). *Amores, vapores e dinheiro – masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Santos, Maria de Lourdes dos (2013). *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza* (Tese de Doutorado). Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade federal do Ceará do Ceará, Fortaleza, Ceará.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Spivak, Gayatri. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Prada, Nancy. (2012, janeiro/junho). Todas las caperucitas rojas se vuelven lobos em la práctica pospornográfica. *Cad. Pagu*, Campinas, 38, 129-158.

Vale, Alexandre Fleming Câmara (2000). *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará.